



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

FLAVIA KAROLINA MENDONÇA GURGEL

**MATERNIDADE NEGRA E NECROPOLÍTICA: UMA ANÁLISE DA
EXPERIÊNCIA NARRADORA EM *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA
FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

PATU - RN
2024

FLAVIA KAROLINA MENDONÇA GURGEL

**MATERNIDADE NEGRA E NECROPOLÍTICA: UMA ANÁLISE DA
EXPERIÊNCIA NARRADORA EM *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA
FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada ao curso de Letras – Português da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, do *Campus* Avançado de Patu – CAP como requisito de parcial para a obtenção do título de Graduada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Annie Tarsis Morais Figueiredo

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Cultura

**PATU - RN
2024**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

G979m Gurgel, Flavia Karolina Mendonça

MATERNIDADE NEGRA E NECROPOLÍTICA: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA NARRADORA EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS. / Flavia Karolina Mendonça Gurgel. - Patu, 2024.

39p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Maternidade negra; Descarte das vidas negras; Necropolítica; Carolina Maria de Jesus. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

FLAVIA KAROLINA MENDONÇA GURGEL

**MATERNIDADE NEGRA E NECROPOLÍTICA: UMA ANÁLISE DA
EXPERIÊNCIA NARRADORA EM *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA
FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada ao curso de Letras –
Português da Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte – UERN, do Campus
Avançado de Patu – CAP como requisito de
parcial para a obtenção do título de Graduada
em Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: 05/12/2024

Banca examinadora

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Prof.^a Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Francisca Lailsa Ribeiro Pinto

Prof.^a Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Examinadora 1)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Marília Daniela Pereira Lino

Prof.^a Esp. Marília Daniela Pereira Lino (Examinadora 2)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

À Luiz Fernando, meu bem mais precioso.

AGRADECIMENTOS

Diante da emoção de estar na reta final do Curso de Letras Língua Portuguesa, percebo que me faltam palavras para descrever a felicidade que sinto em chegar nesta fase da minha vida. Mas, espero expressar a minha gratidão a todos aqueles que acreditaram e sonharam comigo que esse dia chegaria.

Primeiramente, agradeço a Deus, pois, em inúmeros momentos em que eu pensei que não daria conta, Ele me sustentou e me mostrou que os obstáculos eram necessários para que eu pudesse chegar ao fim desta caminhada.

Agradeço imensamente à minha rede de apoio, minha mãe, por cuidar do meu filho para que eu pudesse dar conta das minhas obrigações e conseguir concluir o Curso. Agradeço também a todas as outras pessoas, que de alguma forma, se dedicaram a ele nos momentos em que eu precisei estar ausente. Vocês foram muito importantes nessa trajetória. Obrigada!

Aos demais familiares e amigos que estiveram comigo durante todo esse tempo, me encorajando, me ajudando de diversas maneiras, acreditando e me fazendo acreditar que tudo daria certo.

Agradeço também, de uma forma muito especial, à minha professora e orientadora Annie, por ter aceitado meu convite e, desde o início, ter me acolhido e me orientado com paciência, empatia e, principalmente, por ter me passado segurança durante esse processo de escrita, acreditando na minha capacidade de ir além com a minha pesquisa.

Aos professores do Curso de Letras, do *Campus* Avançado de Patu, que me direcionaram durante o percurso e moldaram meus pensamentos. Vocês foram essenciais para o meu desenvolvimento na universidade e na vida. Levarei todos comigo. Minha eterna gratidão!

Agradeço também, de todo coração, à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, por tornar possível o sonho da Graduação de tantos jovens que acreditam que, através da educação, podemos transformar a sociedade.

Por fim, agradeço à banca examinadora, a prof.^a Ma. Lailsa Ribeiro e a prof.^a Esp. Marília Daniela por aceitarem o convite e pelas contribuições que, tenho certeza, vão somar positivamente no meu trabalho.

“[...] A solidão sistemática a que estão submetidas mulheres negras e pardas é um sintoma do lugar da mulher racializada em nossa sociedade. A falta de acesso aos direitos reprodutivos, somada ao abandono e à solidão, leva essas mulheres a viver uma experiência diferente das mulheres brancas em geral” (Iaconelli, 2023, p. 217).

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a relação entre a maternidade da mulher negra e o descarte dos seus filhos por parte do Estado em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2020), da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Na obra, a narradora autodiegética relata sua vida cotidiana enquanto moradora da favela do Canindé (SP). Enquanto mãe, líder da família, catadora de papel, escritora, ela se vê frente a obstáculos socioeconômicos que a impedem de proporcionar uma vida digna para os três filhos. Os relatos de Carolina Maria de Jesus incluem miséria, fome, exclusão, violência e dificuldades para conseguir comida e suprir outras necessidades básicas. A partir disso, para entendermos a complexidade da tarefa de ser mãe solo negra se fez necessário discutir sobre a maternidade da mulher negra e a necropolítica no Brasil, somente assim compreende-se o descarte dessas vidas pelo poder estatal que lhes retira os direitos mínimos à sobrevivência, apresentando-se por meio da omissão e da exclusão dos corpos negros. Isso implica dizer que lhes foram negadas condições para que a narradora tivesse acesso a uma moradia digna, uma educação de qualidade para os filhos, o direito a refeições completas, o acesso à saúde e tantas outras demandas urgentes. Portanto, buscou-se entender a voz da narradora frente à necropolítica e a maneira como tais dificuldades afetaram a sua vida. Para a realização desta pesquisa, utilizamos como aporte teórico os estudos de Toledo (2011), Klinger (2012), Evaristo (2020), Weschenfelder e Fabris (2019) sobre a escrita de si; Badinter (1985) e Iaconelli (2023) para abordar da maternidade, suas complexidades e desafios; com relação à política de morte (necropolítica) identificada em *Quarto de despejo* (2020), os estudos de Mbembe (2018) nos auxiliaram. Durão (2015; 2020) no tocante às questões metodológicas dos estudos literários. Quanto à abordagem dos dados, esta pesquisa se classifica como qualitativa e exploratória, pois buscamos analisar e compreender o nosso *corpus*, bem como investigar e identificar a relação entre a maternidade negra e o descarte de seus filhos por parte do Estado brasileiro na escrita diarística.

Palavras-chave: Maternidade negra; Descarte das vidas negras; Necropolítica; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

Our study aims to analyze the relationship between Black motherhood and the State's neglect of Black children in *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (Child of the Dark: The Diary of a Favelada, 2020), written by the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus. In the book, the autodiegetic narrator reports her daily life as a resident of the Canindé slum in São Paulo. As a mother, head of her family, paper collector, and writer, she faces socioeconomic challenges that hinder her ability to provide a dignified life for her three children. The testimony of Carolina Maria de Jesus reveals experiences of poverty, hunger, exclusion, violence, and struggles to secure food and meet other basic needs. To comprehend the complexity of being a Black single mother, it was necessary to discuss Black motherhood and necropolitics in Brazil. Only through such analysis is it possible to understand the systemic neglect of these lives by the State, which strips them of basic survival rights through the omission and exclusion of Black bodies. Such a reality reflects the denial of access to decent housing, quality education for children, adequate nutrition, healthcare, and other critical necessities. Thus, this research sought to understand the narrator's voice in the face of necropolitics and explore how these adversities shaped her life. The theoretical framework is grounded in studies on self-writing by Toledo (2011), Klinger (2012), Evaristo (2020), Weschenfelder and Fabris (2019); discussions on motherhood, its complexities, and challenges by Badinter (1985) and Iaconelli (2023); and Mbembe's (2018) concept of necropolitics as reflected in *Quarto de Despejo*. Methodological guidance on literary studies was drawn from Durão (2015; 2020). This research adopts a qualitative and exploratory approach, aiming to analyze and interpret the selected corpus while investigating the connection between Black motherhood and the State's neglect of Black children as portrayed in diaristic writing.

Keywords: Black motherhood; Neglect of Black lives; Necropolitics; Carolina Maria de Jesus.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 “NEGRO É TUDO QUE NOS RODEIA”: A VOZ DE UMA NARRADORA NEGRA E MÃE SOLO	15
2.1 A construção do foco narrativo de uma narradora protagonista	15
2.2 Uma voz que fala de si: quando Carolina rompe o silêncio	19
3 “SÓ NÃO CATO A FELICIDADE”: A BUSCA INCESSANTE PARA IR ALÉM DO QUARTO DE DESPEJO.....	25
3.1 A maternidade negra diante da necropolítica: uma leitura interseccional de <i>Quarto de despejo</i>	25
3.2 A resistência das mães pretas: conquistando espaços	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos discutiu-se a respeito do campo Literatura afro-brasileira e isso se deu em torno das indagações com relação à sua existência. Foi a partir do século XXI que os escritos afro-brasileiros passaram por um período de significativas contribuições para a ampliação de sua delimitação e de seus estudos. Diante disso, compreende-se que a Literatura afro-brasileira existe e abarca um vasto número de escritores e estende-se às literaturas regionais. É necessário destacar também que suas temáticas não devem ser consideradas de forma limitada, pois elas são variadas e estão interligadas a outros fatores como a autoria e o ponto de vista de cada autor.

Para Eduardo de Assis Duarte (2010), o tema é um dos principais fatores que caracteriza o pertencimento de um texto à Literatura afro-brasileira. De acordo com o estudioso, os temas contemplam desde o resgate histórico do povo negro na diáspora à denúncia da escravidão. Pensando nisso, “a temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o novo mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de um todo imaginário circunscrito quase sempre à oralidade” (Duarte, 2010, p. 07). Questões como a miséria e a exclusão social também são assuntos muito abordados pela Literatura afro-brasileira, como por exemplo, *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, que registra a luta diária pela sobrevivência da ex-moradora de uma favela e catadora de papel.

A vida de Carolina Maria de Jesus (doravante CMJ) foi marcada por inúmeras dificuldades. A escritora nasceu na cidade de Sacramento (MG) em 1914 e desde a infância enfrentou as barreiras da discriminação pelo fato de ser mulher negra e pobre. Permaneceu em sua cidade até o ano de 1937 quando, após o falecimento de sua mãe, migrou para a cidade de São Paulo em busca de melhorias para sua vida. Em São Paulo, CMJ possuiu diferentes ocupações, entre elas a de empregada doméstica. Trabalhou na casa do cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini, mas foi demitida após o nascimento do seu primeiro filho, João José de Jesus no ano de 1949.¹ Sem opção, a escritora assume outra função: a de catadora de papel. Com a ausência de condições financeiras, CMJ passa a residir na favela do canindé, e habitar o “quarto de despejo”, recebendo então o adjetivo de favelada. Diante do sofrimento e dos percalços de uma vida pobre e injusta, nascem mais dois filhos, José Carlos de Jesus (1950) e Vera Eunice de Jesus (1953). A maternidade foi para a narradora protagonista, mais um motivo de luta pelo

¹ Para mais informações e detalhes da vida da autora, consultar *Carolina: Uma biografia*, de Tom Farias (2018).

sustento e pela sobrevivência. Seus filhos representavam tanto a sua fonte inesgotável de amor e de esperança, quanto a sua motivação diária.

No ano de 1960, CMJ lançou *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Nesse livro, a autora descreve, em escrita diarística, a sua vida cotidiana entre os períodos 1956 a 1960. Nessa obra, além de relatar as angústias pessoais, Jesus dá voz a si mesma enquanto mulher negra e matriarca da família, retratando a solidão e o desamparo das pessoas que viviam à margem da sociedade brasileira a qual o projeto de modernidade cinquentista não alcançava (Azeredo, 2018, p. 50).

Assim, compreende-se que a partir da segunda metade da década de 1950 o Brasil iniciou um forte processo de institucionalização e urbanização da vida. O nacionalismo desenvolvimentista implementado pelo então Presidente Juscelino Kubitschek (1955-1960) e a promessa de crescimento atraíram inúmeros contingentes populacionais para os grandes centros urbanos. Contudo, de acordo com Caputo e Melo (2009), o capitalismo oligopolista vigente não incluía, na partilha de seus lucros, a grande parcela da população que chegava e passava a residir nas áreas periféricas das cidades.

Foi nesse cenário de exclusão e desigualdade social, que CMJ evidenciou a luta pela subsistência de si própria e de seus 03 (três) filhos. Tais dificuldades são frutos de um poder estatal fundamentado na decisão dos que devem ou não viver. O conceito de necropolítica, elaborado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), define que os Estados modernos utilizam o poder estatal para definir quem terá condições de viver ou não. Conforme o autor citado, esse poder capital se apresenta por meio de ações ou omissões políticas e sociais com capacidade de gerar impactos diretos em determinados grupos sociais, como por exemplo, a população negra. Desse modo, intensificam-se as desigualdades sociais por meio da precarização da vida e do não acesso a bens e serviços públicos, o que por sua vez compromete a possibilidade de existência das pessoas pertencentes aos grupos subalternizados.

Dentro dessa conjuntura, temos a maternidade, um fenômeno que perpassa a vida das mulheres, uma construção social que se molda no terreno da história, no interesse social e nos modelos de sociedade. Contudo, a partir do século XIX, temos uma nova roupagem centralizada quase que unicamente na figura da mulher. O papel de mãe encontra no modelo da Virgem Maria a figura máxima de representatividade em que a mulher mãe passa a ser descrita como abnegada, portadora de um instinto natural e de um amor incondicional, e que encontra sua satisfação no sucesso dos seus filhos e de seu marido. No entanto, o modelo de mãe moderna é uma composição burguesa que tenta homogeneizar a maternidade diante de um conjunto social

de mulheres heterogêneas. Sendo assim, esse modelo não consegue contemplar as particularidades das mulheres pretas e racializadas que são mães.

Desta forma, a dimensão da raça, em um país historicamente racista, representa sobrecarga pelo cuidado de si, dos filhos e dos outros. Além disso, pode representar impedimentos para escolarização, entrada no mercado de trabalho qualificado e dependência de políticas de transferência de renda e a impossibilidade de ascensão social.

Quarto de despejo: diário de uma favelada (2020) é uma descrição intensa e minuciosa a respeito da extrema pobreza, da precarização da vida e da luta por sobrevivência. Dessa forma, conforme Souza *et al.* (2020), a narrativa de CMJ se apresenta enquanto um retrato da maternidade negra-monoparental exercida em um Brasil desigual, patriarcal e racista em que as dores das mulheres pretas representadas pela autora, antes de um incidente do destino, têm suas cicatrizes traçadas tanto pelo gênero, raça, classe e território, como pelo constante fracasso social em que são submetidas quando se veem diante do descarte de si mesmas e dos seus filhos. Portanto, o desenvolvimento desta pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: [1] Como a maternidade negra está representada em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus? [2] De qual forma o descarte dos filhos está configurado na referida obra? [3] Como a necropolítica interfere na narradora Carolina Maria de Jesus?

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir do objetivo geral que é investigar a relação entre a maternidade da mulher negra e o descarte dos seus filhos por parte do Estado em *Quarto de despejo*, de CMJ, bem como dos objetivos específicos: [1] Discutir sobre a maternidade negra e a necropolítica no Brasil; [2] Compreender a maternidade monoparental negra diante do descarte da vida dos seus filhos por parte do Estado; [3] Analisar a voz narrativa da autora frente à necropolítica estatal.

O romance *Quarto de despejo* (2020), de CMJ, evidencia de forma realista o retrato da maternidade solo negra no Brasil, bem como o descarte dos filhos por parte da sociedade e da política estatal que, configurada pela necropolítica, desvaloriza a vida e retira os direitos das pessoas desassistidas. O descarte mencionado não se refere ao abandono dos filhos pela mãe, mas sim, ao desamparo por parte de um sistema que carece de políticas públicas que tragam para o centro a maioria minorizada o grupo de pessoas negras desamparadas no qual CMJ e seus filhos estavam inseridos.

A maternidade vivenciada pela protagonista CMJ reitera a necessidade de pensar, discutir e compreender a complexidade de uma tarefa que a sociedade denomina como um papel único e exclusivo da mulher. À mãe foi deliberada a obrigação de cuidar e educar os filhos,

além de trabalhar para que esses tenham o que comer mesmo que o trabalho lhes custe deixá-los expostos à um ambiente que não lhes garanta segurança e conforto, denominado pela autora por “quarto de despejo” de São Paulo, a favela do Canindé.

Mediante essas noções, a pesquisa se justifica pela necessidade de discussão sobre a maternidade, especificamente a maternidade negra, por entender que ainda existem muitas lacunas no que diz respeito à romantização da tarefa de ser mãe. Nesse sentido, a escolha da obra se deu a partir de indicação de leitura no ambiente da sala de aula para realização de seminários e pela afinidade com o tema em que trata este trabalho.

Assim, a relevância desta pesquisa também se dá pela ausência de trabalhos realizados sobre o tema, a relação da maternidade negra e do descarte dos filhos por parte do Estado. Além da possibilidade de compreensão a respeito da complexidade apresentada em *Quarto de despejo* (2020) que, de forma real e desromantizada, associa diversas circunstâncias de abandono e descarte dos filhos das mulheres negras, seja pela sociedade (patriarcal, elitista, racista e colonialista) ou pela política de morte brasileira que alimenta situações de vulnerabilidade social e de extermínio.

Ademais, a pesquisa pode contribuir para discussões teóricas e pesquisas no ambiente acadêmico, a fim de propagar e discutir a história, as leituras e reconhecer a escrita necessária de CMJ e tantos outros autores desfavorecidos da época de publicação da de *Quarto de despejo*. Também pode aprimorar conhecimentos de pesquisadores, para que possam dar continuidade aos estudos sobre esta e tantas outras temáticas presentes nas obras desta autora e de outras produções literárias escritas por mulheres negras.

Para analisar uma obra literária é necessário recorrer às teorias e aos conhecimentos que encaminham para uma análise satisfatória e para uma boa compreensão do texto que será investigado. Assim, Durão (2020, p. 07) afirma que para que uma pesquisa em literatura possa ter êxito, é indispensável que se construa um campo de investigação que abarque o objeto que será estudado. Desta forma, no que diz respeito aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa se caracteriza como um estudo bibliográfico, considerando que a interpretação da obra se desenvolveu a partir da leitura de textos teóricos que atuaram na linha de estudos da nossa análise.

A presente pesquisa foi realizada mediante a leitura, compreensão e interpretação da obra *Quarto de despejo*, de CMJ. Pois, de acordo com Durão (2015, p. 382) “o cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da *interpretação*. Não há uma receita ou fórmula, nada dado

de antemão que assegure um ato interpretativo eficaz”. Dessa maneira, entender o texto é a forma mais eficiente para desempenhar a pesquisa e chegar a conclusões satisfatórias.

Como aporte teórico, utilizamos os estudos de Azeredo (2018) e Caputo e Melo (2009) para contextualização histórica; Duarte (2010) e Miranda (2019) para as reflexões acerca da Literatura afro-brasileira escrita por mulheres e seu percurso histórico; Gancho (2003), Franco Junior (2009), Booth (1980) e Eagleton (2017) e Chiappini (1983) para a análise literária da categoria narrador(a) e foco narrativo; Toledo (2011), Klinger (2012), Evaristo (2020), Weschenfelder e Fabris (2019) sobre a escrita de si; para tratar da maternidade, suas complexidades e seus desafios, os estudos de Badinter (1985) e Iaconelli (2023); com relação à política de morte (necropolítica) identificada em *Quarto de despejo* (2020), os estudos de Mbembe (2018) nos auxiliaram. No que se refere às questões metodológicas dos estudos literários, Durão (2015; 2020).

Sobre a abordagem dos dados, esta pesquisa é qualitativa, visto que discutimos, analisamos e compreendemos o nosso *corpus*, através do romance e das teorias aqui apresentadas. Nesse sentido, também se trata de um estudo de cunho exploratório, pois investigamos e identificamos, na obra analisada, a relação entre a maternidade negra e o descarte dos filhos por parte do Estado.

Este trabalho está dividido em dois capítulos teórico-analíticos, articulando teoria à análise do nosso objeto de estudo que é investigar a experiência narradora frente à necropolítica. O primeiro capítulo, intitulado “*Negro é tudo que nos rodeia*”: a voz de uma narradora negra e mãe solo, discorre sobre a construção da narradora autodiegética CMJ, que borra a fronteira entre a ficção e o real, e a sua importância enquanto voz que narra os fatos de dentro da experiência, para desenvolver a narrativa, tendo em vista que, ninguém contaria melhor a história do que quem vivenciou todos os acontecimentos. Além disso, nesse referido capítulo, apresentamos a noção escrita de si enquanto resistência ao silenciamento e à omissão a que as mães negras foram submetidas ao longo dos anos.

Já o capítulo “*Só não cato a felicidade*”: a busca incessante para ir além do quarto de despejo aborda as dificuldades encontradas pela narradora protagonista CMJ, investigando como ela exerce a maternidade mediante a política de morte brasileira. Esse capítulo discorre, além dos sacrifícios para conseguir comida, remédios e outros itens de necessidade básica, a luta enquanto escritora para publicar sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que torna pública a vida marginalizada dos moradores da favela do Canindé, em São Paulo, pois,

apesar do valor político e estético de seus relatos, a condição de mulher negra e favelada, numa sociedade racista, tornava difícil o seu reconhecimento.

2 “NEGRO É TUDO QUE NOS RODEIA”: A VOZ DE UMA NARRADORA NEGRA E MÃE SOLO

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2020) representa a luta pela sobrevivência de CMJ, mulher negra e mãe solo de três filhos, durante sua residência na favela do Canindé (1947-1960), em São Paulo. A narrativa pode ser compreendida enquanto um relato da resistência diária enfrentada pela narradora autodiegética, ela descreve as complexidades que envolvem a maternidade negra monoparental no Brasil. A singularidade e simplicidade da escrita de CMJ levam a refletir sobre os desafios encontrados na difícil tarefa de ser mãe, negra, matriarca da família que não teve oportunidade de ingressar em um ensino de qualidade e teve os seus direitos suprimidos, mas que encontrou na escrita uma maneira elaborar suas angústias, bem como de cultivar esperança em um dia mudar para uma realidade melhor.

Assim, compreende-se que CMJ é uma narradora protagonista que descreve a vida de uma mulher negra e periférica, detalhando a luta pela sobrevivência dos seus filhos em uma situação de extrema pobreza, inserida em um ambiente que não lhes garante o mínimo de proteção e sem perspectiva de mudança. Dessa forma, o contexto em que ela estava inserida e o descontentamento com aquele lugar, muitas vezes, lhe retiravam o desejo de existir.

Nesse sentido, neste capítulo analisamos e compreendemos a voz narradora enquanto mulher negra e mãe solo, tanto a categoria literária quanto o seu papel social dentro do diário. O primeiro subtópico, intitulado *A construção do foco narrativo de uma narradora protagonista*, tem a finalidade de entender o foco narrativo a partir do ponto de vista de quem conta e vive a história, compreendendo a sua importância para o desenvolvimento da diegese. O segundo subtópico, *Uma voz que fala de si: quando Carolina rompe o silêncio*, traz uma abordagem acerca da escrita de si atrelada à escrevivência, ambas perspectivas relacionadas a abordagem da escrita do eu e a forma como ela influencia a relação consigo mesmo e com os outros.

2.1 A construção do foco narrativo de uma narradora protagonista

Segundo uma parte de estudiosos da teoria literária, o narrador é uma categoria da narrativa cuja classificação se dá conforme o seu grau de participação na história. De acordo com Cândida Vilares Gancho (2003), o narrador é o elemento fundamental de um enredo pois a ele compete narrar os fatos e os acontecimentos que envolvem uma história. Sendo assim,

uma narrativa inexistente sem a presença daquele que a conta. Em alguns livros sobre análise literária são utilizados dois elementos que caracterizam essa categoria: o foco narrativo ou o ponto de vista da obra, ou da voz que detém a narração. Com relação ao foco narrativo, Ligia Chiappini, em *O foco narrativo: ou a polêmica em torno da ilusão* (1983), usa o pensamento de Norman Friedman para tratar das representações do narrador, incluindo questionamentos centrais: Quem conta a história? Como conta? De onde conta? Nesse sentido, o foco narrativo refere-se à perspectiva da qual a história é narrada. Desse modo, é pertinente destacar que os fatos podem ser narrados em primeira ou terceira pessoa do singular e dentro de cada um deles há várias possibilidades. O narrador em primeira pessoa, que também pode ser chamado de narrador protagonista, é aquele que está dentro da história e todo o enredo se desenrola em torno dele. Assim, CMJ é uma narradora em primeira pessoa, como podemos ver no trecho a seguir:

Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos pra ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente, somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei pra ela calçar (Jesus, 2020, p. 19).

No fragmento acima, retirado das primeiras páginas da obra, percebemos que a narrativa se desenvolverá em torno da vida de CMJ, que contará sua história a partir de um recorte temporal da sua vida, quando residia em uma favela e era catadora de papel, com os filhos ainda pequenos, em um contexto de extrema pobreza. Por isso, a voz narradora leva a refletir sobre a sua própria vida e a vida de tantas outras pessoas que viviam a amarga realidade dos residentes das favelas na década de 1950.

Portanto, o ato de contar requer um conhecimento acerca dos fatos que estão sendo narrados, sendo necessário entender que o narrador é, segundo Arnaldo Franco Junior (2009, p. 40), “uma categoria específica do personagem”. Tendo isso em vista, entende-se que uma classificação capaz de estabelecer essa categoria é a relação entre aquele que narra e a sua condição participativa na história contada. Sobre isso, Franco Junior (2009) explica:

Assim, o narrador que utiliza a 1ª pessoa do discurso (Eu/Nós) seria classificado como *narrador participante* já que a 1ª pessoa evidenciaria sua participação na história narrada. Por sua vez, o narrador que utiliza a 3ª pessoa do discurso (Ele/Eles) seria classificado como *narrador observador*, pois a 3ª pessoa evidenciaria o seu distanciamento em relação à história narrada (Franco Junior, 2009, p. 40).

Com base nessa citação, entendendo quais as posições possíveis do narrador dentro de uma narrativa, que se dão por meio de seu discurso, podemos dizer que, em *Quarto de*

despejo: diário de uma favelada, CMJ pode ser classificada como narradora participante e/ou narradora protagonista considerando que, em seu diário, ela escreve a sua luta diária pela sobrevivência, participando ativamente de toda a história.

Ter CMJ como narradora-protagonista permite um entendimento amplo e profundo a respeito da época em que escreveu *Quarto de despejo*, sobretudo, por sabermos que a referida autora viveu os acontecimentos ficcionalizados. As marcas das dificuldades se perpetuaram e insistiram em acompanhar CMJ por toda a sua existência. A vida da autora se torna muito mais complexa quando pensamos no fato de que uma mulher negra, inserida em um contexto de miséria e violência, além de ter que catar papel nas ruas para sobreviver, tinha que cuidar, sozinha, de 03 (três) filhos. A autora vivia uma realidade tão amarga, que um sonho bom, para ela, se tornava um pesadelo, como na passagem abaixo:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito tempo ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela, na lama, as margens do rio Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha (Jesus, 2020, p. 42).

Durante essa narração, a narradora reflete as decepções e os descontentamentos em relação ao seu modo de vida. Os relatos de miséria e fome são constantes nos escritos de CMJ. Percebe-se que o sonho descrito acima se refere a um desejo que se distancia de sua realidade material. Os detalhes concretos utilizados pela narradora são, na verdade, o que lhe falta todos os dias na favela. Nesse sentido, o sonho se trata de um contraste com a sua realidade. O desejo de CMJ era ter uma vida digna, ter comida e poder comprar um presente para a filha, podendo parecer uma vida comum para as pessoas que não vivem na mesma condição de desigualdade. No trecho, o uso do tempo verbal também chama a atenção, pois CMJ usa “eu ia festejar” e “eu ia comprar-lhe” para enfatizar a intenção de realizar um desejo de sua filha, Vera Eunice. O sentido dessas locuções leva o leitor a perceber que o desejo da narradora era algo que estava nos seus planos, mas existia a possibilidade de não se concretizar também no sonho, tornando-se uma realidade ainda muito distante. Portanto, o tempo verbal pode representar a esperança futura em divergência com a frustração.

Em *Quarto de despejo* (2020), CMJ faz críticas aos políticos que governavam o país na década de 1950: “... quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao

povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é a fome, a dor e a aflição do pobre” (Jesus, 2020, p. 43). No trecho, a narradora aponta que quem dirige o país desconhece as condições dos moradores de favela, dos grupos minorizados que lutam diariamente contra o descaso das políticas públicas. O uso das palavras “dor” e “aflição” evidencia o sofrimento rotineiro da autora, bem como das pessoas pobres que residem nas favelas e têm os seus direitos básicos negligenciados.

Com relação ao ato de contar ou descrever algo, Wayne C. Booth, em *A retórica da ficção* (1980), trata das várias maneiras em que um narrador pode construir uma história. O narrador em primeira pessoa, que conta a sua história a partir de suas perspectivas, proporciona ao leitor um entendimento maior acerca do que se está sendo repassado, tendo em vista que: “[...] logo que encontramos um «eu», estamos conscientes de uma mente que experimenta e cujas opiniões sobre a experiência se entropõem entre nós e o acontecimento” (Booth, 1980, p. 167). As histórias vividas por quem as descreve, interfere na maneira como entendemos a narrativa, visto que, a parte que vivencia os acontecimentos, possui maior propriedade para descrevê-los, considerando os valores do que está sendo transmitido e os efeitos que serão causados no receptor da mensagem. Assim, entende-se que tais experiências são parte da subjetividade do narrador e isso inclui as suas emoções, seus pensamentos e anseios, bem como suas percepções e indagações a respeito do que está sendo exposto.

Nesse sentido, no trecho a seguir, percebemos as emoções da narradora-protagonista: “[...] tive sonhos agitados. Eu estava tão nervosa que se eu tivesse asas eu voaria para o deserto ou para o sertão. Tem horas que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos” (Jesus, 2020, p. 82). A passagem traz o sentimento de desespero diante das dificuldades que lhe acompanham no dia a dia. A expressão “se eu tivesse asas voaria” manifesta, de certa forma, um desejo de liberdade, de ficar livre das adversidades e ter uma vida tranquila e leve. O quase arrependimento de ter os filhos está relacionado a angústia de não poder lhes proporcionar uma vida digna e justa, bem como a sua solidão enquanto mãe solo.

Diante do exposto, é interessante refletir sobre o que afirma Terry Eagleton, no texto *Como ler literatura* (2017), em relação ao que se entende por uma obra literária. Compreender uma obra literária implica em ter conhecimento de quem fala e como fala, sendo assim, Eagleton (2017) afirma:

O que entendemos por uma obra “literária” consiste em parte, tomar o *que* é dito nos termos *como* é dito. É o tipo de escrita em que o conteúdo é inseparável da linguagem

na qual vem apresentado. A linguagem é constitutiva da realidade ou da experiência e não se resume a mero veículo (Eagleton, 2017, p. 05).

Nesse sentido, observamos que a linguagem em *Quarto de despejo* remete a sua realidade e a realidade de muitos moradores da favela, tendo em vista que a linguagem não se trata apenas de uma maneira de repassar a mensagem, mas, uma parte integrante da própria mensagem. Assim, para Eagleton (2017) pensar a linguagem enquanto fator fundamental da mensagem, possibilita uma abordagem que considera não só o que se pretende repassar, mas também um conjunto de elementos e significados que constituem uma obra literária.

2.2 Uma voz que fala de si: quando Carolina rompe o silêncio

A escrita de si, conforme Christiane Toledo (2011), surgiu no âmbito religioso seguindo pelos caminhos da confissão. Homens e mulheres que serviam à Igreja Católica guardavam diários com descrições de seus sentimentos de angústia relacionados ao que se denominava pecado pelos dogmas cristãos. Em seguida, se estende por outros espaços sociais como por exemplo, a necessidade dos empreendedores da época, de deixar registrados os lucros diários de seus estabelecimentos. Não há dúvida de que foi preciso um longo percurso, bem como uma série de tendências, para que o diário deixasse de ser usado apenas para fins de negócios e então chegasse na escrita pessoal, que permanece até a atualidade. Com a finalidade de relatar, de forma datada, a vida cotidiana de uma pessoa. Portanto, o fragmento abaixo é um exemplo da escrita de si elaborada por CMJ em seu diário “Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. [...] Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão” (Jesus, 2020, p. 27).

O trecho acima refere-se a algumas das tarefas rotineiras da protagonista. Trata-se de uma sequência de episódios que se resumem ao dia a dia de CMJ na favela. O hábito de registrar, com detalhes, desde os primeiros aos últimos acontecimentos do dia, fazia parte da vida da autora. Dessa forma, o diário foi, para CMJ, além de um instrumento para arquivar o que acontecia no seu contexto, uma ferramenta para relatar suas angústias, uma maneira de resistir às injustiças, através da expressão verbal de suas percepções.

Os diários, outrora destinados apenas para fins de negócios, passaram a ser instrumentos de anotações, reflexões e fatos pessoais, tornando-se uma espécie de refúgio social. Seus autores recorriam à subjetividade para elaborar o que não podia ser dito em voz alta, como as

intimidades, aflições e os acontecimentos rotineiros, uma espécie de recolhimento individual. Toledo (2011) traz importantes considerações em relação ao percurso da escrita de si nas páginas de diários, como lê-se adiante:

[...] A prática da anotação cotidiana atingiu outros grupos da época em diferentes situações, chegando aos homens de fé os quais adotaram esse exercício para outros fins, outras épocas e tendências, até chegar ao diário pessoal. De alguma forma, a função a que se destinou permaneceu igual; porém, o registro marcado em suas páginas faz referência à rotina de um indivíduo, e não mais de negociações (Toledo, 2011, p. 26).

A escrita diarística é uma prática antiga que atuou de forma significativa na vida dos adeptos que faziam uso das páginas para descrever seus acontecimentos e relatar a intimidade do eu, contribuindo para a formação do pensamento de si e do outro, construindo também a noção do sujeito enquanto arquivador ou propagador de sua história, uma vez que “A escrita como um exercício pessoal, associada ao exercício do pensamento sobre si mesmo, constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askêsis*: a elaboração dos discursos reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais da ação” (Klinger, 2012, p. 24).

Diana Klinger, em seu texto *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea* (2012), fala sobre o surgimento e a finalidade da escrita do eu, reforçando ser uma prática que surgiu na Antiguidade e foi se modificando por outras áreas até chegar e se manter na escrita íntima. A maneira de escrever sobre si, pode, segundo a referida autora, ser vista como um exercício de conhecimento pessoal, em que torna possível a compreensão de seus valores e ideais. Portanto, o ato de escrever sobre si mesmo é uma prática de preparação pessoal, pois auxilia na construção da identidade, bem como, no desenvolvimento de discursos assumidamente verdadeiros que norteiam ações conscientes.

Dessa maneira, ao escrever sobre si, CMJ reconhece a sua história de vida e sua resistência aos obstáculos que cruzam seu caminho. Ela propaga a sua história e a de um grupo de pessoas que viviam em situação de vulnerabilidade, enfrentando a fome e a falta de recursos para sobreviver. Dessa forma, seus escritos podem ser considerados uma maneira de revelar as injustiças, bem como as desigualdades enfrentadas pelas pessoas negras e pobres: “como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome” (Jesus, 2020, p. 93). No trecho, a narradora usa a palavra “suicidar”, que pode ser compreendida como redenção, uma maneira trágica de livrar-se da fome e das adversidades que a perseguem

todos os dias. A passagem também evidencia que a ausência da comida no dia a dia de CMJ perturba e enfraquece não apenas o seu corpo, mas também lhe despertam a vontade de pôr um fim na própria vida. As páginas do diário eram o refúgio para ela nas noites em que não conseguia dormir, seja pela falta de alimentação para si e para os filhos, ou pela incerteza trazida pelo outro dia.

Escrever sobre si também abre espaço para que outras histórias sejam vistas e ouvidas. Quando CMJ conta a sua história, conta também a história de muitas outras mulheres negras que compartilharam da mesma realidade de omissões, apagamentos e frustrações. Sua subjetividade se interliga à experiência coletiva e convida a compreendermos a complexidade que foi sua vida enquanto mulher negra, criando seus 03 (três) filhos em um ambiente de extrema pobreza.

Pensar na escrita de si leva a refletirmos sobre a *escrivivência*, de Conceição Evaristo. No texto *Escrivivência e seus subtextos*, especificamente no subtópico *Escrivivência como fenômeno diaspórico universal*, Evaristo (2020) compreende a *escrivivência* por uma escrita de experiências pessoais como o ato de dizer o indizível. Hoje, a voz, que antes era calada, quebra as barreiras de preconceitos enraizados atribuídos ao corpo negro. Sobre isso, afirma:

[...] Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle de escravocratas, homens, mulheres e até crianças (Evaristo, 2020, p. 30).

Através de sua escrita, Evaristo (2020) torna visível a sua trajetória de vida enquanto mulher descendente africana, com a intensa e difícil luta contra o preconceito racial e o silenciamento, frutos de um passado no qual tentaram calar a voz de autoras negras. Assim como a autora citada, CMJ também compartilhou das mesmas aflições e encontrou, no valor da escrita, uma forma de liberdade e resistência: “[...] eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circo. Eles respondia-me: – É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico” (Jesus, 2020, p. 63-64). A partir disso, percebemos a discriminação sofrida pela cor de pele. Com a escrita de si, CMJ certifica a sua identidade e seu valor, apesar de todos os obstáculos que enfrenta. Sendo assim, *Quarto de despejo* torna visível a sua voz e a luta contra o racismo, possibilitando um diálogo a respeito da discriminação racial no Brasil.

Dessa forma, em *Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional*, Viviane Inês Weschenfelder e Elí Terezinha Henn Fabris (2019) tratam da escrita de si das mulheres negras como uma maneira de relacionar-se consigo e com os outros: “A narrativa autobiográfica, deste modo, é uma prática de si que permite às autoras se relacionarem com sua própria moral e refletirem sobre as verdades que as conduzem em um processo de subjetivação” (Weschenfelder e Fabris, 2019, p. 02). Então, o processo de reconhecerem-se negras faz com que essas mulheres enxerguem a si, a sua história e aos outros, sob uma nova perspectiva, como o exemplo, no seguinte trecho de *Quarto de despejo*:

[...] Um dia, um branco disse-me: — Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece sua origem. O branco diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (Jesus, 2020, p. 64).

Portanto, a escrita permite à narradora reconhecer o seu lugar na sociedade e lutar contra as injustiças e contra todo um sistema de opressão. Identificar-se como mulher negra é posicionar-se diante da distinção e da desigualdade entre pretos e brancos. A escrita de si possibilita uma relação verdadeira consigo e com quem essa escrita está destinada. Pois, ao tempo em que alguém fala de si, fala também das experiências e vivências com o outro; assim, para Weschenfelder e Fabris (2019, p. 09): “Ao se voltarem para seus sentimentos, para suas experiências, para a história das suas famílias, as mulheres negras dobram-se sobre si mesmas, percebendo-se como seres que merecem o cuidado e o amor próprio”. O processo de tornar-se mulher negra requer consciência e sabedoria para entender que, o corpo negro merece ser visto como um corpo que fala, que sente e compreende.

Dessa maneira, apesar de todo o reconhecimento da sua história, CMJ lutou contra um quadro histórico de desigualdade. Seus escritos causaram espanto e dúvidas em muitas pessoas. Quase ninguém imaginava que uma escritora negra, moradora de favela que catava papel nas ruas para sobreviver, pudesse publicar seus escritos, visto que, seus textos eram elaborados numa realidade ainda inexistente na literatura, produzida, inicialmente, por homens brancos: “[...] fui no correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. [...] cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O *The Reader Digest* devolvia os originais. A pior bofetada de quem escreve é a devolução de sua obra” (Jesus, 2020, p. 143). A partir desse excerto, percebe-se a tristeza e insatisfação da autora com relação ao retorno de

seus cadernos que havia enviado para os EUA na esperança de publicá-los. Esses acontecimentos despertavam sentimento de insegurança e vontade de desistir em CMJ: “[...] para dissipar a tristeza que estava arroxendo minha alma, eu fui falar com o cigano. Peguei os cadernos e o tinteiro e fui lá. Disse-lhe que tinha retirado os originais do correio e estava com vontade de queimar os cadernos” (Jesus, 2020, p. 143). A frustração e a tristeza que a autora sentiu ao ser notificada do retorno de seus escritos estão presentes no recurso estilístico “arroxear a alma”. A vontade de queimar os cadernos evidencia a profundidade do seu descontentamento e da sua aflição em relação à devolução de sua obra, ao tempo em que afirma que esse seria o início de uma intensa busca pelo reconhecimento e respeito das vozes marginalizadas da literatura.

A discussão sobre a voz de CMJ encaminha para o pensamento de Gayatri Spivak. Em *Pode o subalterno falar?*, Spivak (2010) reúne questões importantes em relação à representação da voz das pessoas subalternizadas, o grupo oprimido que tem seus direitos de fala ignorados. O problema torna-se ainda mais grave, quando voltado para as mulheres, vítimas de questões de desigualdade de gênero sob o patriarcado: “[...] se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (Spivak, 2010, p. 67). Tal pensamento está em concordância com a realidade de CMJ enquanto mulher negra, pobre e mãe solo de três filhos. A omissão de seus direitos e a incansável luta para publicar seus diários fortalecem a invisibilidade dessas vozes excluídas da sociedade. Assim, quando retomamos a pergunta do título do texto de Spivak (2010): *pode o subalterno falar?* Compreendemos que sim. Em toda sua trajetória de escrita de si, baseada nas suas experiências difíceis com o outro, CMJ resiste e desafia o silenciamento em que por um longo período foi submetida.

As vozes subalternizadas como a de CMJ convidam a olhar, sem filtros, para a realidade dos moradores da favela Canindé, em São Paulo. São muitas as evidências que descrevem a insatisfação da autora por não ter a oportunidade de residir em um lugar melhor e não ter comida para alimentar os filhos todos os dias. Suas anotações são uma maneira de lutar por melhorias para si e para os outros: “[...] aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. Muitos catam sapatos no lixo para calçar. Mas os sapatos já estão fracos e duram só 6 dias” (Jesus, 2020, p. 40). Dessa forma, os relatos da narradora são uma denúncia das mazelas que recaem sobre as mulheres negras no Brasil, um grito forte que por muito tempo foi inaudível.

Em seus estudos, Spivak (2017, p. 85) aponta: “[...] a questão da ‘mulher’ parece ser mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras”. A mulher encontra-se ainda mais esquecida e silenciada quando inserida nas questões de raça, gênero e classe. O silêncio é o lugar que sustenta a subalternidade e quando o sujeito subalternizado fala, ele rompe essa barreira. Diante disso, verifica-se que através da palavra escrita, CMJ sai da sua condição de mulher subalternizada e dá voz ao grupo de pessoas excluídas da sociedade. A escrita conduzia CMJ para lugares imaginários em quem ela gostaria realmente de estar, vejamos o exemplo abaixo:

[...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente para esquecer que estou na favela (Jesus, 2020, p. 59).

O ambiente imaginário criado pela autora é uma maneira de escape da realidade. O castelo cor de ouro e as flores variadas representam o desejo de uma vida confortável e tranquila. Em *Quarto de despejo* a narradora cria ambientes como esses acima, sendo, portanto, uma forma de fuga e respiro para esquecer o lugar desfavorecido em que vive.

3 “SÓ NÃO CATO A FELICIDADE”: A BUSCA INCESSANTE PARA IR ALÉM DO QUARTO DE DESPEJO

Neste capítulo, continuamos a análise do romance *Quarto de despejo* (2020) a partir de uma discussão a respeito das experiências da narradora sob a necropolítica. No primeiro subtópico, intitulado *A Maternidade negra diante da necropolítica: uma leitura interseccional de quarto de despejo*, compreendemos a complexidade da maternidade solo negra inserida nas questões de raça, classe e gênero, através da voz de Carolina Maria de Jesus em seus relatos de angústia, mencionando as intensas dificuldades encontradas para criar seus filhos, enfrentando o descaso, a exclusão, a escassez material e a ausência de oportunidades.

O segundo subtópico, *A resistência das mães pretas: conquistando espaços*, aborda a luta cotidiana das mães pretas pela sobrevivência, bem como as dificuldades rotineiras para conseguir comida, remédios e educação para, assim, ocupar um lugar melhor e mais digno na sociedade, rompendo as barreiras do silêncio através da palavra escrita.

3.1 A maternidade negra diante da necropolítica: uma leitura interseccional de *Quarto de despejo*

A maternidade liga-se ao mito de que a procriadora é a única responsável pelos filhos; às mães, foi atribuída a responsabilidade de cuidar, educar e garantir a sobrevivência dos filhos. Ao longo da história acreditou-se que gerar a vida era uma tarefa divina, advinda de Deus. Portanto, cabia à mulher assumir o papel de mãe, mesmo não sendo o seu desejo. Esse sistema de naturalização e idealização da maternidade foi se modificando ao longo do tempo, segundo Badinter (1985, p. 02): “o amor materno não constitui um sentimento inerente à condição da mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire”. Dessa forma, essas modificações através do tempo possibilitaram inúmeras discussões no que diz respeito à intensa e difícil tarefa de maternar.

Com relação a essas dificuldades, é pertinente destacar que não se pode desconsiderar a distinção entre a maternidade das mulheres brancas e a das mulheres negras. Conforme Vera Iaconelli (2023, p. 34) expõe: “embora todas as mulheres sofram opressões de gênero, também existe a hierarquia entre mulheres negras e brancas, que deixa a mulher negra em uma condição muito pior”. Portanto, a condição da mulher negra diante da maternidade se torna muito mais complexa, pois está relacionada a tantos outros fatores, como por exemplo, a maternidade na

lógica racista, tendo em vista que a mulher negra era vista apenas como uma servidora, dado que era proveniente de sujeitos escravizados. No fragmento abaixo, percebemos a complexidade da maternidade exercida por CMJ:

[...] Hoje os meninos vão comer só pão duro e feijão com farinha. Eu estou com tanto sono que não posso parar de pé. Estou com frio. E graças a Deus, não estamos com fome. Hoje Deus está ajudando-me. Estou indecisa sem saber o que fazer. Estou andando de um lado pro outro, porque não suporto permanecer no barracão limpo como ele está. Casa que não tem lume no fogo fica tão triste! As panelas fervendo no fogo também serve de adorno. Enfeita um lar (Jesus, 2020, p. 98).

A passagem revela a dificuldade enfrentada pela narradora em relação à precariedade da alimentação para seus filhos. Percebe-se que a ausência de uma refeição nutritiva e de qualidade afeta a mente de CMJ, colocando-a em uma posição angustiante de desespero. O fato de andar de um lado para o outro evidencia a inquietude de não saber o que fazer com a incerteza, que é a sua companheira diária. O trecho articula um conjunto de sensações físicas representadas pelo cansaço da rotina que se repete dia após dia e pelo frio que assola o barraco. A imagem do barracão limpo, descrito pela narradora, está relacionada à falta de alimentos e de mobília que, conseqüentemente, deixa o ambiente vazio e triste. Para ela, ter panelas fervendo no fogo era motivo de felicidade, pois, teria a certeza de que havia o que comer.

A maternidade exercida por CMJ está atrelada ao descarte e ao desamparo dentro de um sistema que carece de políticas públicas para as mulheres negras que são mães e para seus filhos, vivendo em situação de extrema pobreza. A narradora, além de não ter oportunidade para entregar uma vida digna aos filhos, ainda enfrentava a solidão de uma mãe que não possuía rede de apoio. Nesse sentido, ainda no que se refere à questão da maternidade para as mulheres negras e os demais fatores que ocasionam, sobretudo, o isolamento dessas mulheres, Iaconelli (2023) ressalta:

Os homens negros escravizados, por sua vez, evitavam defender essas mulheres para não serem castigados, o que acabava por deixá-las ainda mais isoladas. A insistência em desagregar a família negra era uma tática política para dificultar que os escravizados se unissem e se rebelasse (Iaconelli, 2023, p. 35).

Dessa maneira, as marcas enraizadas da escravidão no Brasil se perpetuaram, por muito tempo, nas famílias negras que não se libertaram completamente dos hábitos da condição forçada de servir. As diversas maneiras de opressão e de silenciamento deixaram rastros na vida das mulheres negras, que além de toda a carga em relação a gravidez, a maternidade e a tantos

outros fatores que envolvem essa tarefa, ainda estavam subordinadas a uma política de morte, denominada por Achille Mbembe (2018), de necropolítica, que pode ser descrita como a inscrição de corpos negros num circuito de morte, em que o estado classifica (implícita e explicitamente) quem deve morrer, promovendo a sua própria manutenção, pautada no racismo enquanto estrutura da formação socio-histórica brasileira.

A necropolítica, para Mbembe (2018), trata-se de uma política de morte que atinge principalmente os grupos marginalizados. Entre esses grupos, situam-se famílias negras que têm os seus direitos suspensos por um poder soberano atualizado que decide quem é descartável ou não, ocasionando uma distinção por categoria entre as pessoas. Assim, “ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder” (Mbembe, 2018, p. 07).

Dessa forma, exercer a maternidade mediante o necropoder nacional exige das mães negras uma resistência maior, no que se refere a uma luta por sobrevivência e pela proteção de si e dos filhos, tendo em vista que estão expostas à violência e ao descaso: “como é horrível ver um filho comer e perguntar: tem mais? Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais” (Jesus, 2020, p. 42). O excerto representa a dor de uma mãe que luta contra a negligência geral, para garantir as existências dos três filhos. A pergunta “tem mais?” evidencia as limitações enfrentadas pelas pessoas em situação de vulnerabilidade social. A repetição dessa palavra no cérebro de CMJ expressa uma sensação de impotência por não conseguir oferecer uma vida digna aos filhos. A ausência de recursos materiais básicos e a falta de oportunidades para as mulheres negras líderes de família levantam questões que merecem ser discutidas. Em seus escritos, a narradora evidencia que essas cenas não são momentâneas, mas fazem parte de sua rotina diária. Pensando nisso, ela critica os governantes que só prometem melhorias em períodos eleitorais, como lê-se no seguinte fragmento:

[...] Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com olhos semi-cerrados. com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (Jesus, 2020, p. 42).

Na passagem acima, percebe-se uma crítica à incoerência entre os políticos e as pessoas mais pobres que necessitam do apoio dessas autoridades. O discurso desses governantes que dizem estar ao lado do povo, de acordo com a narradora, só funciona em época de eleições pois,

passado esse período, eles esquecem as necessidades urgentes das pessoas que vivem em situações de pobreza extrema. A expressão “divorcia-se do povo” remete a ausência de compromisso, às promessas de melhoria e ao esquecimento da real situação em que vivem os moradores de favela.

Ainda sobre o mesmo excerto, em relação ao olhar “com os olhos semi-cerrados”, implica dizer que após o período em que as pessoas depositam seus votos, com a esperança de que a vida possa melhorar, os políticos enxergam o povo com desinteresse, desprezo e fogem da responsabilidade que é trabalhar em prol de benefícios para a vida dessas pessoas. Portanto, no trecho citado acima, CMJ proporciona um olhar para a importância de uma representação que atenda as verdadeiras necessidades, bem como as expectativas do povo, que, assim como a narradora, inseridos nas categorias de raça, classe e gênero, sofrem ainda mais com o descaso e são esquecidos pelo poder público e pela sociedade.

Pensando nisso, Patrícia Hill Collins (2020), afirma que a interseccionalidade trata-se de um método analítico que objetiva entender a vida e o comportamento humano, tal método baseia-se nas vivências e lutas de pessoas despossuídas de seus direitos. Isso implica dizer que a interseccionalidade atende as maiorias marginalizadas, o grupo em que CMJ estava inserida. Assim, para Collins:

[...] Pessoas negras, mulheres, jovens, residentes de zonas rurais, pessoas sem documentos e pessoas com capacidades diferentes enfrentam barreiras para ter acesso a empregos seguros, bem remunerados e com benefícios. Muitos desses grupos vivem em áreas duramente afetadas por uma economia global em transformação e por ameaças ambientais. As fábricas se deslocaram deixando poucas oportunidades para quem não pode se dar ao luxo de se mudar (Collins, 2020, p. 34).

A interseccionalidade estuda os grupos duramente afetados pela desigualdade social, racial e de gênero. Pessoas sem oportunidade de trabalho digno, seja pela sua classe social, bem como pela cor da pele, tendem a viver em locais inapropriados para morar, a se alimentarem do que encontram nas ruas ou do que recebem da ajuda de terceiros. Todos esses fatores influenciam nas relações sociais, tornando ainda mais difícil o desejo por uma vida melhor:

Fui catar papel. Estava indisposta. Povo da rua percebe quando estou triste. Ganhei 36,00. Voltei. Não conversei com ninguém. Estou sem ação com a vida. Começo a achar que minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual minha alma (Jesus, 2020, p. 84).

O fragmento revela a insatisfação de CMJ a respeito das situações difíceis que vivencia. A ausência de recursos necessários entristece o corpo e a mente da narradora, fazendo-a pensar

que seus dias na terra estão prolongados demais, manifestando o seu cansaço existencial, que, conseqüentemente, ocasiona o seu isolamento social. O desespero de ter que lidar com a falta do básico, todos os dias, faz com que a vida deixe apenas de ter algumas fases difíceis e passe a ser um fardo pesado demais para carregar. Ao dizer: “estou sem ação com a vida” podemos compreender como uma vida que perdeu o movimento, que não vê nenhum sentido, ou como uma condição de enfraquecimento emocional e falta de vontade de prosseguir. A tristeza da alma mencionada reflete no dia nublado, cinza, cujo sol representa a luz, o calor e a esperança de dias mais felizes e vívidos.

Dialogando com as questões da exclusão e do desamparo, com as quais CMJ lidava diariamente, Collins (2020) argumenta que muitas famílias desamparadas continuaram, por um longo período, vivendo em situação de pobreza, pois, a falta de um emprego lhes retirava o direito de uma renda fixa, suficiente para suprir suas necessidades. Sobre isso, a estudiosa afirma: “A discriminação no mercado de trabalho, que empurra algumas pessoas a empregos de meio período e salários baixos, sem horas fixas e sem benefícios, ou que as torna estruturalmente desempregadas, também não incide da mesma maneira sobre os grupos sociais” (Collins, 2020, p. 34).

A distinção de grupos sociais no mercado de trabalho torna ainda mais alarmante o problema do desemprego e da ausência de uma renda digna, atingindo principalmente pessoas que já se encontram em situação de vulnerabilidade. O fato de não terem ocupação dignamente remunerada leva muitas pessoas, como CMJ a um trabalho árduo de se expor aos perigos nas ruas, em busca de algo que possa amenizar a fome, bem como adquirir materiais para si e para seus filhos, mesmo que esses materiais já tenham sido descartados por outras pessoas. Catar papel nas ruas e procurar sustento no lixo foram as alternativas encontradas por CMJ para que pudesse sobreviver ao desemprego: “[...] não havia papel nas ruas. Passei no frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. [...] Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de leão. Então recorro ao lixo” (Jesus, 2020, p. 88). A fome apresenta-se com uma frequência dolorosa nos escritos de CMJ. Essa passagem descreve a miséria e a escassez que a narradora vive. A maneira como revira o lixo do açougue, na esperança de encontrar linguças que não estejam estragadas, revela o desespero da fome e a exigência do corpo pelo sustento. Também pode ser visto, nesse fragmento, uma crítica ao desperdício. A comida desperdiçada, que poderia ter sido o alimento de alguém, estava no lixo. A metáfora do “apetite de leão” exprime a intensidade da fome, que não se sacia

em definitivo e que a cada dia torna-se o maior problema da protagonista e seus filhos. Por isso, nos raros dias em que consegue se alimentar bem, se sente vivendo outra vida:

É quatro horas. Eu já fiz o almoço – hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante (Jesus, 2020, p. 51).

No contexto de miséria em que CMJ vivia, fazer uma refeição completa era motivo de alegria e era um espetáculo bonito e raro. Percebe-se que a narradora enfatiza dizendo: “hoje foi almoço”, para mostrar que eram raros os momentos em que ela e os filhos se alimentavam bem. Os alimentos mencionados no trecho, que não são habituais na cozinha dos moradores de favela e podem parecer alimentos simples para pessoas distantes daquela realidade, ganham um novo significado, despertando na narradora um sentimento de pertencimento e fazendo-a esquecer, por um momento, os seus dias difíceis no barraco.

Assim como a fome, o lugar onde habita causa uma imensa insatisfação na narradora. A favela é descrita por CMJ como o “quarto de despejo”, o lugar esquecido em que as pessoas são entregues à sorte: “[...] quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (Jesus, 2020, p. 40-41). A narradora faz uma comparação entre a cidade e a favela, demonstrando a imensa diferença entre as duas realidades espaciais.

Nesse fragmento, para tratar da cidade, CMJ usa objetos específicos como os lustres de cristais, tapetes de veludo e as almofadas de cetim, tais objetos remetem a um lugar confortável e acolhedor, visivelmente valorizado esteticamente. Quando se refere à favela, a autora revela o descaso, o isolamento e enfatiza a sua sensação de inutilidade e de ser escanteada, restando-lhe o ambiente escasso em que vive e o sistema que esquece as pessoas pobres, residentes da periferia. Dessa forma, todos esses aspectos apontam para a desigualdade social e econômica, e também para a luta pela dignidade de pessoas pretas e pobres, constantemente colocadas nos bastidores da sociedade.

3.2 A resistência das mães pretas: conquistando espaços

A luta das mulheres pretas e pobres para conquistarem um espaço na sociedade é marcada por inúmeros desafios e isso inclui a desigualdade social, o racismo estrutural, a dificuldade para conseguir emprego e garantir o sustento da família, bem como, o acesso à educação e à saúde. Essas dificuldades se tornam ainda maiores quando essas mulheres tornam-se mães e líderes da família. São poucos os recursos para oferecer uma educação de qualidade, conseguir remédios, comida, brinquedos e etc.; a exemplo do trecho:

[...] deitei a Vera e saí. Eu estava tão nervosa! Acho que se eu tivesse num campo de batalha, não ia sobrar ninguém com vida. Eu pensava nas roupas pra lavar. Na vera. E se a doença fosse piorar? Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera conhece ele (Jesus, 2020, p. 65).

O peso de ser mãe solo, em meio a condições mínimas, fazem com que a narradora entre em conflito consigo. A falta de dinheiro para comprar remédios para a filha doente leva CMJ a um estado de desespero e raiva, que pode ser percebido quando ela diz: “se eu estivesse num campo de batalha, não ia sobrar ninguém”. Uma raiva pela injustiça que as desola e pela impotência em poder levar a filha a um hospital ou comprar uma medicação para a sua doença. A menção ao pai de Vera Eunice, revela a aflição da ausência de uma rede de apoio para dividir as obrigações, o cuidado, as preocupações, bem como receber ajuda financeira, sendo essa a realidade de muitas mães que suportam sozinhas as dificuldades para criar seus filhos. Apesar de toda a apreensão e das dificuldades do dia a dia, CMJ se recusava a casar, pois, ao longo de sua vida, não teve boas experiências nos seus relacionamentos, sendo, por muitas vezes, vítima de traições e agressões físicas por parte de seus parceiros. A narradora também deixa claro em seus relatos que não pretendia ser submissa aos homens e que não tinha arrependimento algum de sua decisão: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu-me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (Jesus, 2020, p.23). O trecho revela a consciência de que o casamento, que é por muitas vezes uma idealização social de felicidade, não é sinônimo de realização. Nesse sentido, o posicionamento da narradora pode ser visto como uma libertação das relações abusivas e da submissão.

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2020), CMJ evidencia a sua luta cotidiana e, além disso, torna pública a sua história também enquanto escritora que conta, em primeira pessoa, suas experiências tornando-se protagonista de sua própria história na esperança de publicá-las e melhorar as suas condições de vida. Em busca de sua autonomia, CMJ enfrentou muitas dificuldades para criar seus filhos em um contexto de carência extrema e, para aliviar o cansaço da rotina, escrevia em seus cadernos os acontecimentos da favela e dos

momentos em que se deslocava pela cidade para catar papel. Na sua luta como escritora, enfrentou inúmeros desafios, entre eles, o silenciamento. Nesse sentido, Fernanda Rodrigues Miranda, em seu livro *Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras* (1859-2006), aborda questões importantes que evidenciam a luta de escritoras negras contra o silenciamento e para suas obras se tornarem conhecidas. A questão do apagamento se dá por muitos fatores, entre eles, destaca-se o sistema de hierarquização racial que impôs inúmeros obstáculos para que a escrita feminina negra ganhasse espaço. Em concordância com isso, a pesquisadora destaca:

No Brasil, o sistema de hierarquização racial, estruturado desde os primórdios da nossa história, tem instituído profundas fronteiras à circulação das vozes na ordem do discurso, do pensamento social. Dado que a obra literária é um produto da cultura - tanto política e esteticamente, quanto social e historicamente fundamentada - é necessário estar informado das disputas que compõem o espaço em que a escrita circula (Miranda, 2019, p. 17).

Dessa forma, na literatura, a voz negra simboliza o rompimento dessas fronteiras que impedem as obras de autoria feminina negra serem reconhecidas, tendo em vista que esses escritos evidenciam a ruptura de um sistema que sustenta o apagamento dessas vozes e desses corpos. Além disso, essa literatura causa incômodo, porque, de forma proposital, coloca o negro na condição de tema e dono de sua escrita, valorizando suas produções e desestabilizando o *status quo* imbuído de branquitude.

Desse modo, no Brasil, pensar no romance de autoria negra é indispensável, porque ainda há a luta para o povo afrodescendente alcançar o direito de ser protagonista de sua própria história, para dar continuidade às suas experiências e compartilhar suas narrativas particulares sem estar aprisionado a um sistema eurocêntrico. Assim, quando CMJ escreve sobre sua amarga realidade na favela, ela denuncia toda a precariedade presente nas vidas dos moradores da periferia, gritando a verdadeira experiência do sujeito marginalizado na modernidade: “[...] o senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada” (Jesus, 2020, p. 137). A “primitividade” mencionada pela narradora evidencia a exclusão social e a desumanidade dentro da favela. Ao mencionar que é uma despejada, CMJ revela o descarte das pessoas pretas e pobres realizado pela sociedade e denuncia o esquecimento e o desamparo nos quais essas pessoas são submetidas todos os dias.

Ainda sobre o silenciamento que se dá pela cor da pele e torna ainda mais difícil o processo de busca pela visibilidade e pelo reconhecimento de escritoras negras, Miranda (2019, p. 57, grifo da autora) ressalta: “um **corpo** é um campo de luta, da mesma forma que um *corpus* é, fundamentalmente, político. Sendo este *corpus* acentuadamente invisibilizado no corpo de obras que forma a Literatura Brasileira, ele emerge como um corpo em riste: disputa narrativas, representações e significados perenes”. Nesse sentido, para a referida autora, o corpo negro representa a resistência e a reivindicação de uma constante luta por espaço que carrega consigo as marcas de uma sociedade racista e preconceituosa.

Assim, a voz da narradora de *Quarto de despejo* (2020) é um confronto, ela evidencia que o corpo negro não só existe, como produz, desconstrói e grita a verdade das pessoas marginalizadas: “[...] há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (Jesus, 2020, p. 49). Nessa passagem, CMJ reforça o sofrimento das pessoas que vivem nas áreas periféricas e revela que seus relatos, por mais cruéis e incrédulos que sejam, são verdadeiros.

Nos escritos diarísticos, CMJ mostra uma luta que sempre marcou a vida das mulheres pretas, pobres e mães que, por todo um tempo histórico, resistiram a contextos de violência e pobreza. A voz que conta sobre as injustiças, explora a questão da categoria feminina que é, culturalmente, atravessada por questões de classe, raça e gênero. Isso implica afirmar que essas mulheres vivem em condições opostas:

O cuidado com mulheres e crianças, sua proteção e instrução, era pautado na divisão de classe e raça. Como já vimos, buscava-se ajudar e qualificar as mulheres brancas, responsáveis pela geração dos filhos da pátria, enquanto se fiscalizavam e desautorizavam as mulheres pretas e pobres no papel de mães (Iaconelli, 2023, p.66).

O tratamento diferenciado entre as mães brancas e as mães pretas, no qual desvaloriza a intensa luta e o maternar de mulheres como CMJ, revela uma estrutura que sustenta a desigualdade de raça e classe, construído a partir da ideologia elitista branca. A falta de apoio às mães pretas, por muitas vezes, lhes retira a esperança de acreditar em uma vida justa: “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (Jesus, 2020, p. 78). Essa primeira expressão denota a insatisfação da narradora em relação à sua rotina de catadora e à sua luta pela sobrevivência. O uso da palavra “predestinada” enfatiza que, esta não é uma tarefa temporária, mas, a sua única maneira de viver diante da ausência de oportunidades. Como se fosse o seu destino, traçado desde seu nascimento. E ao complementar dizendo: “só não cato a

felicidade”; a narradora aponta a busca que parece inatingível, algo que está fora do seu alcance: o conforto de uma vida tranquila.

Nesse sentido para os dias difíceis que pareciam longos demais, a narradora via na escrita o ato de tecer anotações sobre sua rotina, ou a respeito dos acontecimentos que a deixava sem ânimo para continuar. A literatura se tornou para Carolina Maria de Jesus um território de resistência e transformou as suas vivências em um mecanismo poderoso, quando desejou ocupar outro lugar na sociedade e tornar-se conhecida na história da literatura, visibilizando realidades esquecidas e/ou desvalorizadas pela sociedade: “[...] os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido” (Jesus, 2020, p. 42). No fragmento, a narradora evidencia que não luta apenas por melhorias para si, mas é uma voz ativa que atua pelo coletivo, contra a opressão, a desigualdade e as injustiças.

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi publicado em 1960, causando um grande impacto na sociedade que desconhecia a realidade dos moradores da favela e com um sucesso de vendas inimaginável. O dinheiro dos ganhos iniciais do seu primeiro livro permitiu que CMJ conseguisse realizar um de seus principais desejos: migrar de um barraco construído de tábuas na favela do Canindé para a sonhada casa de alvenaria. Mudou-se da favela e foi morar, com seus 3 filhos, no bairro Santana, um bairro de classe média, na zona norte de São Paulo. A mudança de endereço significou para a narradora um marco importante de seu recomeço, longe de todo o sofrimento que o ambiente periférico lhe causava, mas, as barreiras sociais continuaram existindo. A família enfrentou a resistência dos novos vizinhos que reagiram com indiferença, à chegada de uma ex favelada no bairro, no auge de sua carreira de escritora. Após algum tempo, CMJ e sua família mudam-se novamente para o bairro de Parelheiros, também em São Paulo. Lá, ela permaneceu com os filhos até sua morte, como sempre viveu, em condições financeiras e materiais ainda difíceis, inserida em um contexto de isolamento social, praticamente esquecida pelo mercado editorial, apesar do sucesso de sua literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho delimitou-se a investigar a relação entre a maternidade negra e o descarte dos seus filhos por parte do Estado em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2020). Analisamos a voz da narradora protagonista, CMJ, mediante a sua escolha narrativa de escrever um diário. Refletimos os acontecimentos narrados a respeito da desigualdade social e racial, o lugar da mulher negra e mãe solo na sociedade, o abandono dos corpos negros, bem como o silenciamento das vozes femininas negras ao longo do tempo.

Na análise da obra, percebemos a injustiça sofrida pelas pessoas negras e periféricas, principalmente, as mães que, vivendo em situações de vulnerabilidade social, buscam meios de sobrevivência para que possam garantir as refeições de suas famílias. Ao narrar sua vida cotidiana na favela, CMJ permite uma reflexão a respeito da privação, da desumanização e da violência estrutural que marcou a vida de tantas mulheres que não tiveram a oportunidade de exercer, com dignidade, a maternidade. Refletir sobre tais aspectos em *Quarto de despejo* traz de volta um passado ainda recente, sobre a história e a luta dos povos negros, mostrando que apesar de ter sido escrita na década de 1950, a obra de CMJ é atemporal.

Na obra de CMJ encontramos uma realidade da favela do Canindé jamais imaginada pela sociedade dos grandes centros de São Paulo e do Brasil. Apesar de ter sido extinta em 1961 após a publicação de *Quarto de despejo* a história continuou se repetindo quando durante o período da pandemia inúmeras famílias foram despejadas de seus empregos e, conseqüentemente de suas residências, e com a falta de dinheiro para pagar aluguel passaram a habitar novos “quartos de despejo”.

CMJ elaborou uma narrativa que permite uma compreensão acerca da invisibilidade e do descarte das pessoas negras que viviam à margem da sociedade, uma vez que o romance analisado se passa na periferia e mostra a realidade de uma mãe solo que, carente de qualquer tipo de ajuda, contou apenas com a sorte de tentar sobreviver aos dias difíceis e ao descaso. A autora se utiliza de elementos de suas vivências para dar voz a grupos historicamente silenciados por um sistema que negligencia as vidas negras e empobrecidas. Dessa forma, constatou-se que a maternidade negra se apresenta, na obra aqui analisada, de forma desafiadora e complexa, visto que, além de suportar a carga materna que envolve o cuidado, as preocupações, a angústia de não poder oferecer uma vida boa aos filhos pequenos, ainda tem que lidar com o isolamento, com a solidão e com o abandono. Tais condições evidenciam a

maneira como a maternidade negra é exercida sob estratégias de sobrevivência em contextos de invisibilidade social.

Assim, descobriu-se também que o descarte - um dos fatores que compõem as práticas da necropolítica, conceito elaborado pelo filósofo Mbembe (2018) - trata-se de uma política estatal que decide quem tem o direito de viver uma vida digna ou não. Isso acontece quando há desvalorização da vida das mães pretas, a falta de oportunidades e de recursos para que essas mulheres possam garantir o sustento de si e dos filhos, a ausência de uma moradia segura e confortável, o acesso negado à educação, ao lazer, bem como a omissão dos muitos outros direitos básicos de sobrevivência.

Dessa maneira, a narradora demonstra que a mãe negra e solo, da periferia, possui uma jornada muito mais exaustiva para conseguir criar seus filhos, tendo em vista os múltiplos desafios que enfrenta diariamente, esses incluem a luta para sobreviver para a busca árdua pelo alimento, pelos remédios para os filhos doentes, pelos itens de higiene. E isso revela o medo de não conseguir proteger seus filhos da fome, da pobreza, da violência e do preconceito. A narradora autodiegética evidencia que a trajetória das mães pretas é marcada pelo contínuo sacrifício para conseguir, de alguma maneira, seja ela qual for, sobreviver haja vista a ausência de suporte. Apesar disso, essas mães resistem à política de morte nacional.

Além disso, CMJ desafia as visões idealizadas pela sociedade com relação a maternidade da mulher preta e pobre e mostra, através de seus relatos, os obstáculos diários dos cuidados como um ato de resistência às adversidades. Com isso, a maternidade que deveria ser um momento cheio de esperança e amor na vida da mulher, passa a ser também uma batalha rotineira contra a falta de recursos. Sendo assim, no decorrer da construção deste trabalho, constatamos que a maternidade exercida por essas mulheres foi pautada nas questões de raça e classe e foi a todo momento da história desprestigiada e desprovida de qualquer atenção, assistência e apoio, se associarmos ao tratamento com a mulheres e mães brancas.

Neste trabalho, utilizamos teorias que abordam o percurso histórico das escritoras femininas negras, a maternidade, especificamente, a maternidade negra que é o foco principal da nossa pesquisa. Contamos também com teorias sobre a categoria narrador e sobre o foco narrativo, além de estudos sobre a interseccionalidade e a respeito de uma política de morte (necropolítica) que se apresenta por meio da omissão e da privação, identificada em *Quarto de despejo* (2020). Toda a bibliografia aqui apresentada se alinha às questões aqui respondidas identificadas na obra analisada. Nesse sentido, consideramos as teorias aqui utilizadas como sendo suficientes e indispensáveis para a realização da nossa pesquisa.

No processo de escolha do tema e da seleção dos textos que nos auxiliam, constatamos que a existência de trabalhos realizados a partir da obra aqui analisada, não abordam com profundidade as complexidades da maternidade exercida pelas mulheres negras e periféricas. Sendo assim, neste trabalho, proporcionamos uma análise mais ampla e um olhar mais atento às questões que tornam a maternidade uma tarefa ainda mais cansativa, acompanhada do preconceito racial enraizado na sociedade, bem como, nas falhas das estruturas sociais em fornecer suporte material necessário a essas mulheres.

Nesse sentido, pensando as lacunas que ainda existem em relação ao tema tratado nesta pesquisa e a fim de propagar a escrita de CMJ, ressaltamos a importância de discutir e aprimorar os estudos sobre a maternidade exercida pelas mulheres negras frente à uma política estatal que recusa conceber seus direitos, bem como proporcionar reflexões acerca do impacto das ações da necropolítica na vida dessas mulheres que são mães. A partir disso novas pesquisas podem surgir em torno dessa e de outras produções literárias escrita por mulheres negras, vinculando essas produções às diversas situações de abandono existentes na sociedade.

Através da nossa pesquisa, observamos que mesmo com todos os avanços na moldagem de pensamentos da sociedade, ainda se faz necessário discutir cada vez mais a maternidade exercida pelas mulheres pretas e pobres da periferia, visto que, todos os dias nos deparamos com relatos de novas Carolinas, sem oportunidade de um emprego digno para oferecer uma vida melhor para os filhos, desafiando as estruturas da desigualdade e enfrentando a violência, a precariedade e o desprezo do Estado. Diante disso, torcemos para que surjam novas produções que ampliem tanto as questões que buscamos aqui responder quanto novas possibilidades de visibilidade e reconhecimento da luta dessas mulheres vítimas de uma sociedade patriarcal e racista.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, Edson Guimaraes de. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus**: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico-raciais, 2018, 110 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/432029/2/Edson%20Azeredo.pdf> Acesso em: 05 mai. 2024.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. 2ª ed. Tradução de Ângela A. M, Diniz. São Paulo: Editora perspectiva, 1980.
- CAPUTO, A. C.; MELO, H. P. de. A industrialização brasileira nos anos de 1950: uma análise da instrução 113 da SUMOC. **Revista Estado e Economia**. São Paulo (SP), v. 39, n. 3, p. 513-538, julho-setembro 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/ZpgwjzqDRC9bT4YrFhxcvC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 05 mai. 2024.
- CHIAPPINI, Ligia. **O foco narrativo**: ou a polêmica em torno da ilusão. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1983.
- COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico]. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: **Terceira Margem**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade Letras, Pós-Graduação, ano XIV, n. 23, jul-dez. 2010.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/39421> Acesso em: 20 mai. 2024.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 31, nº 4, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22230> Acesso em: 15 jun. 2024.
- EAGLETON, Terry. **Como ler literatura** Tradução de Denise Bottmann. 1. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Escrivência como fenômeno diaspórico universal. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (orgs.). **Escrivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-47.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 34-48.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista**: psicanálise e políticas da reprodução. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas dos outros**: o retorno do autor e a virada etnográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prescritos**: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006) Rio de Janeiro: Malê, 2019.

SOUZA, L. G.; CASTELAR, M.; SANTANA, K. S. O.; SOUTO, V. S. Mulheres negras e necropolítica: como enfrentam a morte de seus filhos? **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador (BA) v. 9, n. 3, 301-313, novembro de 2020. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3096> Acesso em: 05 mai. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus**: a célebre desconhecida da literatura brasileira. 2011. 194 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn. **Tornar-se mulher negra**: escrita de si em um espaço interseccional. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2019.